

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO  
ESPECIALIZAÇÃO EM LITERATURA BRASILEIRA E HISTÓRIA NACIONAL

KELLY CHRISTINI FURTADO

**A REPRESENTAÇÃO DOS ESPAÇOS E AS TONALIDADES DA MISÉRIA EM  
VIDAS SECAS DE GRACILIANO RAMOS E NA SÉRIE OS *RETIRANTES* DE  
CÂNDIDO PORTINARI**

CURITIBA

2019

KELLY CHRISTINI FURTADO

**A REPRESENTAÇÃO DOS ESPAÇOS E AS TONALIDADES DA MISÉRIA EM  
VIDAS SECAS DE GRACILIANO RAMOS E NA SÉRIE *OS RETIRANTES* DE  
CÂNDIDO PORTINARI**

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de especialista do curso de Especialização em Literatura Brasileira e História Nacional da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

Orientador: Profa. Dra. Maurini de Souza

CURITIBA

2019

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

### **A REPRESENTAÇÃO DOS ESPAÇOS E AS TONALIDADES DA MISÉRIA EM VIDAS SECAS DE GRACILIANO RAMOS E NA SÉRIE OS RETIRANTES DE CÂNDIDO PORTINARI**

por

Kelly Christini Furtado

Esta monografia foi julgada e aprovada como requisito parcial para a obtenção de título de especialista do curso de Especialização em Literatura Brasileira e História Nacional, do Departamento de Linguagem e Comunicação (DALIC) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

Curitiba, 13 de dezembro de 2019.

---

Profa. Dra. Maurini de Souza  
Orientadora

---

Prof. Dr. Marcelo Fernando de Lima  
Membro titular

---

Prof. Dr. Rogério Caetano de Almeida  
Membro titular

O termo de aprovação assinado encontra-se na coordenação do curso.

## RESUMO

FURTADO, Kelly Christini. A representação dos espaços e as tonalidades da miséria em *Vidas Secas* de Graciliano Ramos e na série *Os Retirantes* de Cândido Portinari. 24f. Monografia (Curso de Especialização em Literatura Brasileira e História Nacional), Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2019.

O objetivo deste trabalho é apresentar a relação entre a literatura e as artes plásticas, procurando perceber como elas dialogam entre si. As obras escolhidas são: *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, e a série *Os Retirantes*, de Cândido Portinari. O tema abordado entre elas é a seca no nordeste. Nas obras, os autores utilizam vários artifícios para descrever e expressar o sofrimento do sertanejo entre a miséria e a própria sorte. Um dos artifícios consiste na escolha de cores que são utilizadas para representar a miséria, aspectos geográficos, as condições do clima da região, as vestimentas, entre outros elementos específicos entre os autores, e essa cumplicidade entre as obras se estende nas descrições do sertanejo, de suas condições de vida e experiências. A base teórica do trabalho é a obra de Gotthold Ephraim Lessing (2011) sobre o estudo da comparação entre a obra literária e as artes plásticas.

**Palavras-chave:** Romance. Artes plásticas. Espaço. Vidas secas.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>6</b>
<b>2 VIDAS E OBRAS DE GRACILIANO E PORTINARI.....</b>	<b>9</b>
<b>3 A PAISAGEM E OS ESPAÇOS GEOGRÁFICOS NORDESTINO NA LITERATURA E NA PINTURA: UM DIÁLOGO INTERARTES .....</b>	<b>12</b>
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>22</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>24</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Em uma carta datada de 13 de fevereiro de 1946 a Portinari, Graciliano Ramos relembra uma visita que lhe fizera, quando tivera a ocasião de apreciar algumas telas da série *Retirantes*, relatando como o assunto o incomodava, conforme se lê:

Rio de Janeiro, 13 de fevereiro de 1946.

Caríssimo Portinari: A sua carta chegou muito atrasada, e receio que esta resposta já não o ache fixando na tela a nossa pobre gente da roça. Não há trabalho mais digno, penso eu. Dizem que somos pessimistas e exibimos deformações; contudo as deformações e essa miséria existem fora da arte são cultivadas pelos que nos censuram. O que às vezes pergunto a mim mesmo, com angústia, Portinari, é isto: se elas desaparecessem, poderíamos continuar a trabalhar? Desejamos realmente que elas desapareçam ou seremos também uns exploradores, tão perversos como os outros, quando expomos desgraças? Dos quadros que V. me mostrou quando almocei em Cosme Velho pela última vez, o que mais me comoveu foi àquela mãe a segurar a criança morta. Sai de sua casa com um pensamento horrível: numa sociedade sem classes e sem miséria seria possível fazer-se aquilo? Numa vida tranquila e feliz que espécie de arte surgiria? Chego a pensar que teríamos cromos, anjinhos cor-de-rosa, e isto me horroriza. Felizmente, a dor existirá sempre, a nossa velha amiga, nada a suprimirá. E seríamos ingratos se desejássemos a supressão dela, não lhe parece? Veja como os nossos ricos em geral são burros. Julgo naturalmente que seria bom enforcá-los, mas se isto nos desse tranquilidade e felicidade, eu ficaria bem desgostoso, porque não nascemos para tal sensaboria. O meu desejo é que, eliminados os ricos de qualquer modo e os sofrimentos causados por eles, venham novos sofrimentos, pois sem isto não temos arte. E adeus, meu grande Portinari. Muitos abraços para você e para Maria. Graciliano (RAMOS, 1946).

Como se vê na carta em questão, encontram-se questões relativas à arte na sociedade contemporânea. São trazidos neste artigo Graciliano Ramos e Cândido Portinari mostrando a preocupação com o povo nordestino porque conheciam a realidade dos retirantes e a seca de perto. Além de retratarem problemas sociais e políticos que assolavam o nordestino, as obras apresentam um tom de denúncia, uma vez que a miséria é representada em palavras e em imagens. A cumplicidade entre os dois, entretanto, não estava apenas na amizade, mas também na preocupação com a desigualdade social, conforme se observa nas temáticas constantes em suas obras.

Cada autor representou, em sua arte, a miséria no nordeste, utilizando-se de palavras, diálogos, imagens e cores, retratando o cenário e a vivência cotidiana a fim de expressar a realidade do nordestino. O artista Portinari tomou o retirante como eixo central na maior parte de suas produções artísticas e

retratou o sofrimento e a miséria com grande propriedade em várias obras relacionadas a esse tema. Para um artista como ele, conhecido por utilizar uma vasta gama cromática em suas telas, na série *Os Retirantes*, em especial, ele utilizou um número limitado de cores específicas que coincidem na maioria dessas obras e condizem com os tons do serrado, a fim de representar o espaço geográfico no nordeste e expressar um pouco sobre a realidade do povo nordestino.

Ramos, por sua vez, tomou por base uma família de retirantes como eixo central da obra escolhida, abordou as causas da seca e toda a miséria, falta de água, saneamento básico, educação, condições de vida e sobrevivência, além das misérias da alma, também retratadas nas telas de Portinari.

As obras de Portinari estudadas são as da série *Os Retirantes*, que é composta por quatro obras definitivas e sete de estudo, totalizando onze obras, todas datadas de 1944. As obras definitivas são: *Enterro na rede*, *Retirantes e Criança Morta*. As obras de estudo são: *Perna-de-pau*, *Menino Morto*, *Enterro na Rede*, *Cabeças*, *Duas Cabeças* e *Menino*. Portinari produziu outras obras com o mesmo tema, *Retirantes*, anteriores e posteriores a essa data, mas que não fazem parte da série aqui apresentada, de 1944.

Diante do exposto, o objetivo geral deste trabalho é analisar os espaços geográficos retratados que se relacionam à miséria na obra *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, e na série *Os Retirantes*, de Cândido Portinari, procurando perceber como os autores abordam o tema da seca e de que forma são representadas as mazelas do povo nordestino. Buscando trocar suas consonâncias e controvérsias as obras transmitem uma atmosfera que envolve o ambiente geográfico, as condições de sobrevivência, dificuldades encontradas, experiências de vida, as perdas e as condições físicas e psicológicas dos nordestinos.

Para tanto, alguns objetivos específicos são necessários:

- a) Em primeiro lugar, investigar como as consequências da seca são representadas na obra *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, e na pintura da série *Os Retirantes*, de Cândido Portinari, e a relação com o espaço geográfico e as paisagens presentes na obra.

- b) Estudar como o narrador do romance descreve a miséria do retirante nordestino e sua relação com o espaço geográfico e as paisagens que o cerca.

Com base no objetivo do trabalho - o estudo comparativo entre a literatura e as artes plásticas, foi realizada pesquisa em artigos científicos, dissertações, obras literárias, obras de artes (pintura), bibliografias sobre os autores e suas respectivas obras. Foram analisados os elementos verbais e não-verbais das obras escolhidas visando compreender implícitos dos dois suportes, fato que exigiu um longo caminho de construção de pensamento.

Dentre eles se destacam-se os artigos

Gotthold Ephraim Lessing (com *Laocoonte ou Sobre as Fronteiras da pintura e da poesia*, 2011) foi um dos primeiros estudiosos de análise sobre a relação entre a pintura e a literatura e é base dessa pesquisa. O autor realizou um estudo de grande valia sobre esse diálogo entre as artes, percebendo que ambas fluíam da mesma fonte, sem separar uma da outra.

As perguntas que orientam esse trabalho transitam entre o quão necessário é analisar o contexto da produção e a qual a relação dos significados da obra com o mundo pessoal e social. Para tanto, autores como Alfredo Bosi (*História Concisa da Literatura Brasileira*, 2013), dão suporte teórico para a concretização desse trabalho.



## 2 VIDAS E OBRAS DE GRACILIANO E PORTINARI

Nascido em Quebrângulo, Alagoas, o autor Graciliano Ramos (1892 – 1953) é o principal romancista da geração de 1930 e viveu em várias cidades nordestinas, como Buíque, Viçosa, Maceió e Palmeiras dos Índios, da qual foi prefeito em 1927. Além de ter se dedicado à literatura, o escritor também exerceu atividades ligadas ao jornalismo, à vida pública e à política, o que lhe rendeu um período de cárcere durante o governo de Getúlio Vargas, em 1936. Graciliano Ramos alcançou o equilíbrio ao reunir análises sociológicas e psicológicas em suas obras, e, como poucos, relatou o universo do sertanejo nordestino, tanto na figura do fazendeiro autoritário quanto na do caboclo comum (MOISÉS, 2012, p. 526).

Segundo Alfredo Bosi, o roteiro do autor de *Vidas Secas* norteou-se por um sentimento de rejeição que adviria do contato do homem com a natureza ou com o próximo. Esse sentimento é latente na composição da obra, em todos os aspectos da vida dos personagens, pois existe um descaso no que confere aos maus tratos por questões financeiras e hierárquicas e nas condições impostas pela própria natureza com relação à seca. Nas palavras de Bosi, “Graciliano Ramos via em cada personagem a face angulosa da pressão e da dor” (BOSI, 2013, p. 429).

O romance regionalista *Vidas Secas*, publicado em 1938, possui treze capítulos e conta sobre a vida miserável de uma família de retirantes sertanejos obrigada a se deslocar de tempos em tempos para as áreas menos castigadas pela seca. A linguagem é objetiva, áspera e, muitas vezes, dura. Nota-se que a economia de adjetivos é um dos recursos utilizados para transmitir essa aridez, condizente com a realidade do nordestino. A obra segue uma estrutura narrativa mais realista em sua essência, abordando diversos aspectos da realidade do povo sertanejo. A paisagem capta-se melhor por descrições de miúdas que por uma série de tomadas constantes; e a natureza interessa ao romancista só enquanto propõe o momento da realidade hostil a que a personagem responderá como retirante (BOSI, 2013, p. 429).

O romance abre ao leitor um universo mental, com a descrição de miudezas como as pedras dos caminhos trilhados pelos retirantes, que tanto machucavam seus pés descalços e deformados pela sua condição. As

descrições espaciais vão desde o chão em que os personagens pisavam até a forma como eram tratados pela sociedade. Nesse sentido, Bosi diz que:

O realismo de Graciliano Ramos não é orgânico nem espontâneo. É crítico. O “herói” é sempre um problema: não aceita o mundo, nem os outros, nem a si mesmo. Sofrendo pelas distâncias que o separam da placenta familiar ou grupal, introjeta o conflito numa conduta de extrema dureza que é a sua única máscara possível. E o romancista encontra no trato analítico dessa máscara a melhor forma de fixar as tensões sociais como o primeiro motor de todos os contemporâneos [...] (BOSI, 2013 p. 429).

Embora a condição dessa família de sertanejos fosse de extrema miséria, maus tratos e falta de instrução, eles tinham consciência do mal que os atingia e de como eram vistos pela sociedade. Mesmo assim, buscavam seus sonhos, uma vida com condições dignas de sobrevivência e aspiravam a um futuro melhor para seus filhos, com vistas a melhores condições de vida.

Assim como Ramos, Portinari também tem preocupação com a temática dos retirantes, recorrente em suas obras. A presença rural nas obras de Portinari é o reflexo dessa realidade, uma vez que uma parcela significativa do mundo do pintor tem como eixo aglutinador o retirante.

Segundo João Batista Berardo, em sua obra *O Político Candido Torquato Portinari* (1983), o artista teve contato próximo com os retirantes quando, em bandos, os sertanejos se engrossavam nas férteis terras do norte paulista. Portinari revoltou-se com a miséria que observava e chegou a pensar em organizar um pequeno exército com seus amigos que tinham combatido ao lado das tropas de Garibaldi, na integração da Itália, a fim de acabar com os “coronéis” e com os carrascos opressores daquela gente (BERARDO, 1983, p. 53).

Em uma de suas grandes exposições, realizada no Museu Nacional de Belas Artes, quando sua carreira atingia o auge, Portinari comentou que as figuras de seus quadros o surpreendiam justamente por serem tão tristes e horrorosas, uma vez que não davam alegria a ninguém, nem mesmo a ele próprio. Em 1946, o pintor expôs na Galeria de Charpentier, em Paris, quadros e desenhos da série *Os Retirantes*. Em uma homenagem oficial ao seu talento, o governo francês deu a Portinari, em 1939, a Legião de Honra (BERARDO, 1983, p. 58).

Na série realizada em 1942, sob influência de suas ideias sociais e da pobreza do Nordeste, Portinari coloca em suas telas aqueles brasileiros marginalizados como símbolo da miséria. Esse tema é presente na maioria dos quadros e desenhos do artista, cuja sensibilidade permitia captar e exprimir a tragédia humana oriunda de cenários como favelas e terras mal distribuídas que são retratadas com locais de grande sofrimento. Como se vê, nos anos 40, Portinari voltou-se para temas sociais, sobretudo porque a década foi marcada pela terrível seca do Nordeste, provocando muitas mortes, fome e êxodo rural.

Conforme o exposto, tanto as obras de Graciliano Ramos quanto as de Candido Portinari apresentam uma importante denuncia social, já que as mazelas retratadas pelos autores são parte constitutiva da sociedade que, muitas vezes, fecha os olhos para o povo que sofre.

A representação de personagens que carregam o sofrimento de suas vivências, oriundos de uma condição humana precária, demonstra como perdem a dignidade, chegando a se comportar como animais, esquecendo-se de sua importância e integridade humana.

Além da seca, os autores descrevem os personagens de maneira a expressarem sentimentos de rejeição e angústia. Nas obras, o cenário predominante é o cerrado, pois a estiagem é a principal causa do sofrimento do povo nordestino, já que impede o plantio, a criação de animais e as condições mínimas necessárias para se sobreviver. Com relação a esse martírio, ambas as obras relatam a luta dos retirantes em busca de água e lugar para trabalhar e morar, na qual muitos acabam perdendo suas vidas por conta de doenças, desnutrição e desidratação.

### 3 A PAISAGEM E OS ESPAÇOS GEOGRÁFICOS NORDESTINO NA LITERATURA E NA PINTURA: UM DIÁLOGO INTERARTES

A paisagem e o espaço geográfico são representados tanto na obra *Vidas Secas* de Graciliano quando na série *Os Retirantes* de Portinari. Conforme a citação de Gotthold Ephraim Lessing em sua obra, *Laocoonte-Ou Sobre as Fronteiras da Pintura e da Poesia*, as obras literárias e as artes plásticas expressam uma conformidade, um diálogo.

[...] Essas duas artes possuem uma conformidade tão grande entre elas que, para que tenhamos tratado das duas ao mesmo tempo, basta trocar os nomes e pôr pintura, desenho, colorido no lugar de poesia, de fábula, de versificação. É o mesmo gênio que cria em uma e na outra [...] (LESSING, 2011, p. 34).

Existe uma cumplicidade entre elas na maneira de se expressar em relação ao tema em questão. A série de Portinari, *Os Retirantes*, não ilustra o romance *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, pois os elementos utilizados nas telas escapam ao discurso: é a soma da compreensão da imagem acústica e da emoção. Porém, em muitos pontos, elas conversam entre si, como na descrição física e geográfica, na exaltação do sofrimento do sertanejo e na representação da miséria de toda natureza, já todos esses elementos são expressos tanto no romance de Graciliano Ramos quanto nas telas de Portinari.

A paisagem das duas obras apresenta a descrição do cenário do cerrado, onde o clima é seco e árido. *Vidas Secas* já começa citando a planície avermelhada, os juazeiros e as manchas verdes, que se referem ao tipo de vegetação descrita no decorrer da obra, conforme se lê:

Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas machas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. [...] fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da caatinga rala. [...] A caatinga estenda-se, de um vermelho indeciso salpicados de manchas brancas que eram ossadas. O voo negro dos urubus fazia círculos altos em redor de bichosos moribundos (RAMOS, 2012, p. 9-10).

Conforme essa citação, no caminho percorrido pelos personagens, são encontrados espinhos e seixos, fragmentos de pedras, plantas mortas, xique-xiques e mandacarus. Segundo Nilo Bernardes, geólogo e pesquisador do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), esse tipo de vegetação, chamada

também de caatinga, é muito vasta no cerrado nordestino (BERNARDES, 1999). Os dois tipos de vegetações citados na obra são os mais famosos, porém, é evidente que a caatinga é composta por outras espécies também, sendo que se trata de uma vegetação espinhosa. Tal aspecto pode ser observado na descrição da vestimenta em couro usada pelos vaqueiros como o personagem Fabiano para se defender dos espinhos dessa vegetação. Na obra, o cacto xique-xique e o mandacaru aparecem com frequência, e dessa forma é possível ter uma descrição geográfica sobre onde se passa a obra, como nos trechos:

[...] A aragem morna acudia os xique-xiques e os mandacarus. Uma ressurreição de garranchos e folhas secas. [...] Agora Fabiano era vaqueiro, e ninguém o tiraria dali aparecera como um bicho, entocara-se como um bicho, mas criara raízes, estava plantado. Olhou as quipás, os mandacarus e os xique-xiques. Era mais forte que tudo isso, era como as catingueiras e as baraúnas. [...] quis acordá-lo e perguntar, mas distraiu-se olhando os xique-xiques e os mandacarus que avultavam na campina. [...] Ele, o menino mais velho, caíra no chão que lhe torrava os pés. Escurecera de repente, os xique-xiques e os mandacarus haviam desaparecido [...] (RAMOS, 2012, p. 15, 19, 41 e 58).

O fruto de coloração verde clara também é utilizado em culinárias exóticas, como o prato “cortado” de xique-xique. É utilizado também pelos nordestinos na alimentação de seus animais, com a esperança de salvá-los em períodos de longa estiagem.

O verde é citado em virtude da caatinga, que, inicialmente, apresenta essa coloração. Outros elementos - como a vermelhidão da terra rachada, representando os calcanhares dos retirantes; o azul terrível do céu de um longo período de estiagem; as nuvens raras que desapareciam causando grande tristeza; a sombra leitosa da lua e a brancura da noite e das estrelas que anunciavam mais um dia de sol escaldante - representam características do sertão nordestino e são os principais motivos do sofrimento e da miséria que castiga esse povo.

Como descrever a dor, o sofrimento, e como pintar essa dor? Essa é a questão que se pode analisar na tela (figura 1). Segundo Lessing, ao analisar a escultura de Laocoonte, podemos observar a dor por meio dos músculos e tendões, da expressão facial e das demais partes do corpo que mostram com clareza tamanho sofrimento. Pode-se aplicar a mesma leitura nas telas de Portinari: o definhamento muscular, o envelhecimento precoce evidenciado na

expressão facial, o cenário geográfico e todos os elementos presentes na composição demonstram o sofrimento causado pela miséria (LESSING, 2011, p. 85).

A dor do corpo e a grandeza da alma também são desenhadas nas telas de Portinari. A miséria representada nesta tela impressiona nos detalhes que também é descrito no romance, a atmosfera que envolve ambas as obras tela e romance mostram a realidade do sertão.

Com relação a essa aproximação das telas de Portinari com o romance de Graciliano Ramos, existe uma hipótese levantada por Lessing de que o artista poderia ter imitado a literatura, ou o contrário. Muitos eruditos afirmam a hipótese de que o poeta imitou o artista, mas sabe-se que a expressão artística, a pintura, é mais antiga que a escrita, e foi e ainda é uma forma de representar ou imitar as experiências e as vivências da humanidade. A pintura não deve imitar a poesia, ela pode, no máximo, reinventá-la, assim como nas telas de Portinari (LESSING, 2011, p. 131-134).

Na série *Os Retirantes* não é diferente: os tons das cores são tristes e cinzentos. A forma dos corpos dispostos na obra compõe uma cena que transmite profunda angústia e inspira compaixão, conforme se observa na tela a seguir, denominada *Os Retirantes*, de 1944.



Figura 1



Cândido Portinari - *Série Os Retirantes*, 1944. **Os Retirantes**. Óleo s/ tela. Acervo Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand/MASP.

Ao observarmos essa primeira tela de Portinari, em geométrico abstrato, temos a clara representação da miséria que assolava o povo sertanejo. Isso se dá pelos traços marcados dos rostos dos personagens dispostos na imagem. Na tela, notamos nove personagens, de formas cadavéricas, sendo dois homens e duas mulheres. Há uma criança totalmente nua e um velho atrás da mulher no canto esquerdo, que se encontra com o seu dorso. Esse último personagem possui cabelos despenteados e totalmente brancos, segura um cajado e seu olhar se faz distante.

A mulher que segura a criança apoiada ao seu quadril também transmite um olhar perdido, de tristeza e solidão marcada pela fragilidade de seu rosto. Na família, ao centro, vemos uma mulher mais jovem com cabelos longos e negros. Sua face retrata cansaço e sofrimento. Essa mulher está segurando um bebê, que parece ser um recém-nascido, e, na cabeça, carrega uma trouxa branca que provavelmente contém roupas. Ao lado, está um homem com chapéu na cabeça. Ele segura em uma das mãos uma criança e na outra um cabo de madeira com uma trouxa de roupas na ponta. Ao lado do homem, há duas

crianças. Uma delas está com a genitália exposta e possui um abdômen enorme, que pode ser uma questão proposital do artista, pois no período da produção da obra (1944), o país enfrentava uma série de problemas com saneamento básico, o que contribuiu para contração de diversas doenças.

Com relação às condições espaciais e geográficas, no céu azul, há uma grande quantidade de pássaros pretos sobrevoando as cabeças dos personagens. Essa representação dos urubus tem como finalidade representar a morte, questão que também é observada na obra de Ramos, no momento em que “o voo negro dos urubus fazia círculos altos em redor de bichos moribundos” (RAMOS, 2012, p.10).

No chão, podemos notar uma grande quantidade de pedras e um osso de animal, parecido com o fêmur, osso que sustenta a perna, além da terra avermelhada e rachada. Essa passagem representada na obra de Portinari também se observa em Ramos, na passagem que descreve:

[...] A seca aparecia-lhe como um fato necessário – e a obstinação da criança irritava-o. Certamente esse obstáculo miúdo não era culpado, mas dificultava a marcha, e o vaqueiro precisava chegar, não sabia onde. Tinha deixado os caminhos, cheios de espinhos e seixos, fazia horas que pisavam a margem do rio, a lama seca e rachada que escaldava os pés. Pelo espírito atribulado do sertanejo passou a ideia de abandonar o filho naquele descampado. Pensou nos urubus, nas ossadas [...]. Baleia, o ouvido atendo, o traseiro em repouso e as pernas da frente erguidas, vigiava, aguardando a parte que lhe iria tocar, provavelmente os ossos do bicho e talvez o couro. [...] Os ossos e seixos transformavam-se às vezes nos entes que povoavam as moitas, o morro, a serra distante e os bancos de macambira (RAMOS, 2012, p. 10, 14 e 54)

Pode-se perceber a terra com seixos e espinhos que dificultava a marcha, os pés descalços, rachados e queimados pelo solo onde pisam, as vestes simples e surradas, a pouca bagagem que os retirantes carregam em toda sua trajetória em busca da sobrevivência e da fuga da miséria, conforme se lê:

[...] certamente esse obstáculo miúdo não era culpado, mas dificultava a marcha, e o vaqueiro precisava chegar não sabia onde. Tinha deixado os caminhos, cheios de espinhos e seixos, fazia horas que pisavam a margem do rio, a lama seca e rachada que escaldava os pés. [...] os calcanhares, duros como cascos, gretavam-se e sangravam. [...] os seus pés duros quebravam espinhos e não sentiam a quentura da terra [...] (RAMOS, 2012, p. 10, 12 e 20)

As cores apresentadas na obra de Portinari também revelam muito sobre o tema. A vermelhidão da terra e da tarde, descrito por Graciliano Ramos, está



representada sobre os pés dos retirantes na imagem, e, no céu, representando um final de tarde quase escurecido, no qual ainda é possível notar o azul, muito próximo do “azul terrível” (RAMOS, 2012, p. 13), descrito em *Vidas Secas* e tão temido pelo povo nordestino.

A brancura das manhãs e do luar também está representada nessa obra, assim como na aparência dos personagens e na palidez das figuras, demonstrando a desnutrição. O vermelho vivo em manchas nas roupas do homem também tem seu significado na representação, pois nessas caminhadas eles sangravam por ferimentos dos cactos e pedras que encontravam no caminho. O verde da roupa do menino ao centro da imagem faz alusão à vegetação da caatinga encontrada no Nordeste, que, na imagem, está reduzida apenas à representação simbólica da vestimenta.

Segundo Luciano Guimarães (2000) em sua obra *A cor como informação*, as cores emitem uma informação. Quando recebidas pela visão, elas criam significância diante das imagens e conhecimento de mundo. No romance de Graciliano Ramos, as cores criam relações com sentimentos, sensações, além de transmitir informações geográficas e climáticas sobre onde se passa o romance. Nas telas de Portinari, pode-se vislumbrar também o espaço geográfico representado pelos desenhos e cores escolhidas para intensificar o tema abordado em cada tela. Conforme a citação:

A informação cromática quando é emitida ainda não constitui um signo. Ela deverá, para isso, ser recebida pela nossa visão e atualizada pela percepção e interpretação da sua materialidade. Nesse processo informacional, a percepção visual desempenha um papel de grande relevância, pois é por meio do “comportamento” do aparelho óptico e do cérebro que alguns aspectos da cor são decodificados [...] (GUIMARÃES, 2004, p. 19).

É possível notar os signos e decodificar no diálogo entre a literatura e as artes plásticas nesse sentido, pois existe a proximidade presente na representação verbal e não verbal. Ambas as artes fluem da mesma fonte e exploram o mesmo tema. O foco é na denúncia social, na miséria e no sofrimento do povo nordestino, tanto que Graciliano Ramos e Portinari não pouparam esforços na representação das mazelas sociais nas obras.

A próxima obra apresentada, a figura 2, impressiona pela representação do drama vivido pelo povo sertanejo, pois os cortejos eram realizados desta forma: o corpo era carregado em uma rede, conforme retrata a imagem, e a

representação cromática nessa obra intensifica esse drama. Os tons escuros, na imagem, mostram uma mulher de joelhos, num gesto de desespero. O sentimento é de dor e de pesar, representado nos tons: cinza, preto, ocre, branco, terra, rosa, vermelho, azul, lilás e amarelo. Não há descrição de uma cena semelhante na obra *Vidas Secas*, mas esse cenário é recorrente nos enterros do povo nordestino.

A representação espacial da tela mostra um cenário árido, com terra rachada, outros elementos de destaque na tela são os pés grandes e descalços, as mãos grandes, as vestimentas simples, a magreza e a representação da miséria nos traços retirantes.

Segundo Annateresa Fabris, em sua obra *Artistas Brasileiros: Cândido Portinari* (1996), a deformação anatômica que Portinari concentra sobretudo na representação das mãos e dos pés estabelece uma continuidade com uma série de telas que têm como tema o trabalho e o trabalhador. Símbolo das concepções sociais do artista, tal recurso expressivo é uma recordação da infância. Essa deformação se converte a uma crítica da realidade, em que o gigantismo dos trabalhadores parece evocar aquela atenção ao detalhe de maior significação, é uma visão heroica do trabalhador, representada pela deformação, pelo agigantamento das mãos e dos pés (FABRIS, 1996, p. 70).

Portanto, as mãos e os pés representados nas obras de Portinari e de Graciliano Ramos são de trabalhadores e tamanho é seu esforço nas caminhadas e no trabalho sem ter condições para adquirir calçados e roupas adequadas que acabam deformando a anatomia de seus pés e mãos, conforme observamos na representação da figura 2 e na literatura.

A tela *Enterro na Rede* mostra com detalhes a deformação descrita por FABRIS (1996), uma vez que é possível notar o contraste do traçado preto que marca os contornos anatômicos e a deformação dos pés e mãos, evidenciando essa característica física encontrada no sertanejo, devido aos grandes esforços em seu trabalho e a falta de recursos para se equipar adequadamente.

[...] Ressentido, Fabiano condenara os sapatos de verniz que ela usava nas festas, caros e inúteis. Calçada naquilo, trôpega, mexia-se como um papagaio, era ridícula. Sinhá Vitória ofendera-se gravemente com a comparação, e se não fosse o respeito que Fabiano lhe inspirava, teria despropositado. Efetivamente os sapatos apertavam-lhe os dedos, faziam-lhe calos. Equilibrava-se mal, tropeçava, manquejava, trepada nos saltos de meio palmo. Devia ser ridícula, mas a opinião de Fabiano entristecera-a muito. [...] Olhou de novo os pés espalmados.

Efetivamente não se acostumava a calçar sapatos, mas o remoque de Fabiano molestara-a. Pés de papagaio. Isso mesmo, sem dúvida, matuto anda assim (RAMOS, 2012, p. 41 e 43).

Conforme a citação, pode-se notar a semelhança nas obras quando os personagens não conseguem calçar sapatos para ir à festa, por conta da deformação anatômica pelas longas caminhadas e excesso de esforço físico no trabalho. A tela *Enterro na Rede* mostra com detalhes a deformação descrita por FABRIS (1996), uma vez que é possível notar o contraste do traçado preto que marca os contornos anatômicos e a deformação dos pés e mãos, evidenciando essa característica física encontrada no sertanejo, devido aos grandes esforços em seu trabalho e a falta de recursos para se equipar adequadamente.

*Figura 2*



Cândido Portinari – *Série Os Retirantes*, 1944. *Enterro na Rede*, óleo s/tela. Projeto Portinari.

Na figura 3, o próprio tema já anuncia sentimentos de dor, sofrimento e perda. As lágrimas são representadas de maneira exagerada e em cubos, uma tendência utilizada pelo artista, pois as figuras são descritas geometricamente com representações cromáticas de tons em cinza, terra, branco, preto, violeta, lilás, ocre e verde. O preto é utilizado para enfatizar a deformação expressiva, no caso, a atrofia muscular; o branco é usado para representar a palidez do corpo da criança morta e do corpo da menina que chora ao lado; os corpos estão extremamente magros e a criança morta apresenta olheiras roxas e fundas, além

do corpo raquítico, sugerindo um estado de decomposição. As lágrimas de pedra que caem dos olhos intensificam a tristeza.

Esse grupo de retirantes, composto por três mulheres, uma menina, um menino e uma criança morta, tem na coloração das roupas a sugestão de uma

*Figura 2*



Cândido Portinari – *Série Os Retirantes*, 1944. **Criança Morta**, óleo s/tela. Projeto Portinari.

condição de saúde precária, ressaltada pela palidez da pele e pela coloração das roupas em tom lilás. O chão é composto por terra avermelhada e vemos que é um final de tarde, pois o céu está escurecendo. O menino pequeno ao lado da mãe apresenta a barriga grande como é comum nas crianças sertanejas que apresentam algum tipo de doença, como a doença que matou o seu Tomás da bolandeira, conforme se lê:

Tudo seco em seu redor. E o patrão era seco também, arreliado, exigente e ladrão, espinhoso como um pé de mandacaru. Indispensável os meninos entrarem no bom caminho, saberem cortar mandacaru para o gado, consertar cercas amansar brabos. Precisavam ser duros, virar tatus. Se não calejassem, teriam o fim de seu Tomás da bolandeira. Coitado. Para que lhe servira tanto livro, tanto jornal? Morrera por causa do estômago doente e das pernas fracas [...] (RAMOS, 2012, p. 24 e 23).

Em todas as cenas mostradas até aqui, há uma representação marcada pela miséria, pela tristeza e pelo sofrimento de um povo entregue à própria sorte. A obra de Graciliano Ramos, bem como as de Cândido Portinari, confere essa realidade vivida pelo povo sertanejo, em que a seca matou milhares de pessoas isoladas na fome e na sede, estão aqui representadas, não apenas no estado físico degradante, mas também nas condições geográficas que o povo sertanejo enfrentava. Representam não apenas as mazelas do corpo, mas também da alma, o sofrimento e angústia que o tempo não apaga.



## CONCLUSÃO

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou demonstrar a relação e o diálogo entre as obras *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, e a série *Os Retirantes*, de Cândido Portinari, uma vez que ambas têm como ponto de partida o sofrimento do retirante nordestino e dialogam em pontos relacionados, que vão desde o tema até os mínimos detalhes na descrição da miséria e os espaços geográficos.

A pesquisa também procurou mostrar como é possível utilizar dois tipos de linguagens diferentes, a verbal e a não-verbal, para descrever uma realidade, uma denúncia social e relatar o sofrimento de um povo por meio das cores, aplicadas às palavras, às telas, criando sentidos e sensações contextualizadas ao tema e à realidade do sertanejo.

Foram observadas relações, não apenas no que confere a cor, mas em detalhes na expressão facial dos personagens, na descrição das vestimentas, no modo de vida e de sobrevivência, na alimentação pobre de nutrientes, no tratamento da sociedade com esse povo, no descaso social e até na forma como eles se viam diante dessas situações.

Essa análise fornece subsídios para se desenvolver ainda mais pesquisas em relação a esse tema, pois são muitos os elementos que contribuem na construção e na apresentação da seca e da miséria, a forma como ela predomina sobre a vida do povo sertanejo, como ela se demonstra destrutiva em todos os aspectos, capaz de acabar com a integridade humana, com as condições de sobrevivência, com as esperanças e com os sonhos de dias melhores.

A realidade aqui representada não está somente associada às mazelas e à falta de condições básicas de sobrevivência, mas em todo o contexto que ela pode atingir as misérias da alma, que acabam com a esperança e matam aos poucos por dentro, roubando o sonho de uma vida melhor, que, para o retirante, não estava relacionada à aquisição de bens, mas apenas às condições melhores de sobrevivência.

A vida melhor que eles esperavam era ter fartura na mesa, que seus filhos pudessem frequentar uma escola, aprender a ler e a escrever. Essas são necessidades comuns do povo nordestino, que geralmente é privado disso, pois, sem conhecimento, é difícil conseguir lutar por seus direitos.

A apresentação dos detalhes conferidos ao romance de Graciliano Ramos e às telas de Portinari mostra muito além das necessidades do sertanejo. Apresenta como eles se sentiam na condição de humanos, quais eram seus sonhos, o que eles buscavam nas longas caminhadas de tempos em tempos para toda parte, o que eles esperavam do futuro para eles e para as próximas gerações.

Essas necessidades eram abordadas não apenas com a preocupação da realidade já conhecida na região do serrado, mas também no que confere ao drama da seca que muito castigava o povo sertanejo, os seus anseios e como as coisas ao seu redor, seja o clima, as cores que envolviam esse cenário, as experiências assumiam significados diferentes para eles em relação a outras culturas, em função do efeito que causavam sobre eles.

A grandiosidade dessas obras em retratar com fidelidade a atmosfera que envolve esse cenário é admirável, o estudo realizado e a própria experiência de vida dos autores próximos aos retirantes certamente fizeram a diferença, pois eles conheciam de perto essa realidade que toca e comove, sensibilizando pela carga emocional que carrega.

## REFERÊNCIAS

BERARDO, João Batista. **O Político Cândido Torquato Portinari**. São Paulo: Gráfica Nagy Ltda, 1983. 53, 58 p.

BERNARDES, Nilo. **Estudos Avançados, Dossiê Nordeste Seco, As Caatingas**, 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141999000200004&script=sci>>. Acesso em: 08/05/2019.

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. 49. ed. São Paulo: Cultrix, 2013. 429 p.

FABRIS, Annateresa. **Artistas Brasileiros Cândido Portinari**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1996. 70 p.

GUIMARÃES, Luciano. **A cor como informação: a construção biofísica, linguística, e cultural da simbologia das cores**. 3. ed. São Paulo: Annablume, 2000. p. 25, 113, 115.

LESSING, Gotthold Ephraim. **Laocoonte ou Sobre as Fronteiras da Pintura e da Poesia**. São Paulo: Iluminuras, 2011. 34, 85, 131, 132, 133, 134 p.

MASP - **Museu de Artes de São Paulo Assis Chateaubriand**. Disponível em: <[http://masp.art.br/masp\\_2010/](http://masp.art.br/masp_2010/)>. Acesso em: 25/09/2016.

MOISÉS, Massaud. **A Literatura Brasileira Através dos Textos**. 29. ed. São Paulo: Cultix, 2012. 526 p.

PROJETO, Portinari. Disponível em: <<http://www.portinari.org.br/>>. Acesso em: 25/09/2016.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. 116. ed. São Paulo: Martins Fontes Editora, 2012.

RECORD, editora de Graciliano Ramos, **Carta de Graciliano Ramos**, Disponível em: <http://graciliano.com.br/site/1946/02/carta-de-graciliano-ramos-a-portinari/> Acesso em: 23/09/2016